

O ESTADO DE S. PAULO

Desde cedo o xavante sabe vencer o medo

MAURO DE CARVALHO MELLO
Enviado Especial

A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar.

Gonçalves Dias

Sobre as casas de palha da aldeia xavante, o céu nublado e escuro. Ainda falta uma hora para amanhecer, mas já se ouvem na praça gritos de meninos guerreiros, com a pintura característica no corpo, empunhando bastões de raízes, preparados para a luta. É o início de Oyô, festa tradicional que os xavantes promovem periodicamente, com duelos entre garotos de 3 a 12 anos, para ensiná-los a ter coragem desde a infância.

Brisas leves sopram na aldeia, tornando agradável a madrugada. Uê-uê-uê... gritam em coro os adultos para encorajar os meninos que se preparam para a luta. Todos formam um círculo na praça, alguns sentados, outros de pé. No centro, em poucos minutos, serão iniciadas as lutas. Não tardarão os gritos de alegria das famílias dos meninos vencedores nem os lamentos de decepção e vergonha entre os parentes dos perdedores.

O dia começa a clarear e já se pode perceber nos pequenos rostos pintados de preto e vermelho expressões de medo e expectativa. Os pais dos pequenos dão as últimas instruções, lembrando-os da maneira correta de empunhar os bastões e investir contra os adversários.

— Aos poucos, minha afeição aos bororos foi-se tornando recíproca. Eu os acompanhava nos passeios. Passávamos meses fora, caçando. Devagar, eles foram me revelando seus usos e costumes, curiosidades de sua vida. Os bororos são muito fechados. No começo não queriam sequer ensinar sua língua aos missionários. Pouco a pouco, foram-se abrindo, principalmente os meninos.

— Mesmo assim, sempre procuram ocultar muita coisa a respeito de sua vida. Por exemplo, permitiam que se conhecessem alguns cantos de caça e pesca, recusando-se porém a revelar a estranhos as canções fúnebres e a maioria das lendas. Os bororos gostavam muito de fazer teatro. Todavia, as representações eram feitas no matão, às ocultas, para não serem vistos por outras pessoas que não pertencessem ao grupo. Divertiam-se muito imitando os civilizados, ridicularizando seus gestos.

Diversas vezes padre Cesar participou de caçadas com os bororos, inclusive ajudando-os com sua espingarda. Em algumas ocasiões, dividia minhas presas com eles, pois sua caça nem sempre era suficiente para a alimentação de todos. Os bororos comem muito. Passávamos meses e meses andando a pé. Eu tinha cavalo, mas no mundo desconhecido o cavalo muitas vezes atrapalha; a pé a gente anda onde quer; com o cavalo, onde pode. Foi assim que cumpri minha última missão em 1944, quando percorri todas as aldeias bororas de Mato Grosso durante 2 meses. Vivi em nas aldeias, participando das festas, aprofundei muitos conhecimentos sobre o grupo indígena.

A paixão dos bororos pela caça certa vez também deixou padre Cesar em grande dificuldade. O missionário recorda o episódio:

— Com um amigo e 7 bororos organizei uma excursão para ir além do rio das Mortes, onde se localiza hoje a cidade de Xavantes. Para atravessarmos esse rio, bastante caudaloso e com cachoeiras, fizemos uma balsa com troncos de buriti. A travessia não foi fácil e eu não sabia nadar. Ao cruzarmos o rio em regresso, a balsa semi-submersa era empurrada pelos 7 índios que nadavam.

— De repente, cachorros começaram a latir, revelando a presença de um animal na mata próxima a uma das margens. Instantaneamente os bororos deixaram-nos no meio do rio, nadaram até a margem e embrenharam-se na mata. Estávamos sendo levados pelas águas quando conseguimos prender-nos num galho de árvore. Já não tínhamos mais forças para aguentar a posição no momento em que os índios, após caçar uma paca, voltaram calmos e satisfeitos para nos buscar, como se sua conduta fosse absolutamente normal. Passado o susto, alegremente todos comeram a paca assada, pois já não tínhamos mais mantimentos. A excursão durou um mês.

Os inimigos

Padre Cesar conta que bororos e xavantes são inimigos por tradição, por lenda. Recorda que por volta de 1920 um bororo foi morto por xavantes.

— Foi um momento triste até para nós. Esse foi o último assalto xavante contra os bororos. Estes seguiram os agressores até o rio das Mortes, mantendo-se ocultos na mata. Quando chegaram à aldeia xavante morreram mais dois bororos, mas não sei se sobrou algum xavante.

Sangradouro

A aldeia xavante localiza-se a mais de 1 km da colônia indígena de Sangradouro, no interior de Mato Grosso, distante 1.800 km de São Paulo. Foi fundada e é mantida por missionários salesianos, que chegaram à região por volta de 1906.

A aculturação do grupo xavante, sob tutela dos missionários, começou há 12 anos. Antes desse período só viviam na colônia índios bororos, agora em minoria, formando grupo inferior a 30. O número de xavantes eleva-se a 410. A maioria dos bororos afastou-se da colônia com o passar dos anos, integrando-se na vida cabocla, e uma parte foi dizimada por doenças contraídas em contatos com civilizados.

Os xavantes vieram do rio Couto Magalhães, além do rio das Mortes. Nessa aldeia já viviam mal. Embora suas dificuldades se agravassem a partir de 1950, com as grandes invasões de terras, enfrentam problemas desde 1780, quando começaram a contrair molestias e a sofrer agressões de civilizados.

Muitos anos antes de se transferirem para Sangradouro, aceitando a acolhida dos missionários, os xavantes já se aproximavam da colônia, com cautela e às ocultas, para observar o que se passava por lá. Suas incursões foram notadas desde 1930. Afinal, depois de numerosas experiências negativas com os civilizados — suas e de seus antepassados — era natural que a aculturação se processasse, ainda que lentamente.

Mas agora esses problemas não existem em Sangradouro. Convivendo vários dias entre eles, verifica-se que são felizes. Priuáta, um rapaz que gostava de conversar com o jornalista, pediu várias vezes que se divulgasse em São Paulo que seu grupo vive bem em conta.

to com os civilizados, sem quaisquer ressentimentos.

A vida desses silvícolas, bastante despreocupada, consiste principalmente em praticar esportes, promover numerosas festas em que predominam a dança e o canto, caçar e pescar, comer bastante e dormir. Embora os missionários não imponham sua religião aos índios, 70 xavantes tornaram-se cristãos espontaneamente, frequentando regularmente os cultos religiosos. Ao que parece, foram atraídos pela pompa das cerimônias católicas.

O objetivo dos missionários em Sangradouro consiste em defender e preparar os silvícolas para que possam sobreviver em contato com os civilizados. Procuram manter seus usos e costumes tradicionais, mas fazem-nos tomar conhecimento da realidade, ministrando-lhes ensinamentos básicos sobre nossa civilização, de modo a conseguir uma rápida aculturação, sem grandes choques pessoais e na organização social. Na aldeia e na colônia, os xavantes vivem em plena liberdade, fazendo o que bem entendem. Apenas na colônia, por haver numerosos civilizados, foram estabelecidas algumas normas para evitar problemas.

Além de serem alfabetizados e receberem noções de educação moral e cívica, os índios aprendem ofícios, o que permitiu a formação, na colônia, de tratoristas, carpinteiros, marceneiros e pedreiros.

Face à ausência de infraestrutura na região, e à necessidade de conter seus despejos, Sangradouro alcançou certa auto-suficiência. Cria gado bovino e suíno e possui agricultura diversificada, produzindo arroz, milho, mandioca, cana-de-açúcar e babaçu. Possui serraria, olaria, oficina mecânica, marcenaria e moinhos. Os missionários só adquirem fora da colônia a cal, o vidro, vestuário e medicamentos.

É a vida da colônia

— Dos 410 xavantes, somente trabalham uns 30. E os mais de 230 tem idade inferior a 12 anos e há velhos e doentes que também não produzem. Para alimentar o grupo, a cozinha da colônia prepara diariamente duas sacas de arroz limpo, além de outros complementos da refeição. Trabalham na colônia 3 padres, 8 irmãs religiosas, 2 mestres leigos e 3 famílias de colonos civilizados.

O dia começa às 5 horas, quando os adultos saem da aldeia e vão às roças. Interrompem o trabalho às 9 horas para cozinhar e comer o milho, prosseguindo depois até às 13. Nesse horário regressam à aldeia. A mulher vai cuidar da comida, cozer o milho e o arroz. O homem prepara flexas e enfeites de festas. Ao final da tarde, reúne-se com os companheiros na praça para tratar de caçadas e festas, bem como discutir problemas da comunidade. Depois, chegam os meninos para os cantos da tarde: dançam e cantam formando um círculo à frente de todas as casas. Diariamente apresentam letra e ritmo diferentes. Geralmente todos vão dormir às 19 e 30, desde que não haja festas noturnas que às vezes se prolongam pela madrugada.

A vida das crianças é diferente. Por decisão de seus pais,

ficam no internato da colônia dos 12 até os 16 anos. Depois, são considerados adultos, transferem-se para a aldeia e casam-se. Os xavantes apreciam esse regime porque é muito semelhante ao adotado por seus antepassados. As antigas aldeias tinham uma espécie de colégio onde os meninos ficavam isolados para receber formação dos índios mais velhos. Como as estruturas atuais já não permitem tal sistema, os silvícolas acham que o internato da colônia o substitui satisfatoriamente.

Mas um costume é conservado: nessa fase de aprendizado, os meninos não podem olhar nem falar às mulheres sob pena de receber um castigo. Passam a ser chamados de aihtë, que significa sem-vergonha na língua xavante, e as orações são furadas precocemente. Tal situação faz que o índio sofra humilhações por toda a vida.

Em Sangradouro, os meninos levantam às 5 horas e tomam o café. Às 6, vão à aula para aprender, durante uma hora e meia, noções de português, da língua xavante e canto. Depois, até às 11 horas, vão à mata cortar um pouco de capim e apanhar flores. Já os meninos médios e grandes vão trabalhar na roça desde cedo, onde ficam até às 8, quando

o sol começa a ficar quente. Nesse horário vão ao colégio para assistir às aulas de português, matemática, educação moral e cívica e religião. Aos 11, todos almoçam e brincam até às 13. Um dos entretenimentos que mais preferem é o futebol, no que se mostram muito hábeis. À tarde, há mais uma hora e meia de aulas e às 5 horas vão jantar no refeitório da colônia. Depois vão à aldeia para os cantos ou voltam a dedicar-se a diversos tipos de jogos até a hora de dormir, aproximadamente às 19 e 30.

As atividades das meninas é desenvolvida mais ou menos nesses períodos. As grandes vão à roça e as pequenas ficam em casa, cuidando da limpeza e das galinhas. Recebem aulas de corte e costura e vão à cozinha aprender alguma coisa para melhorar, mais tarde, a comida de sua família na aldeia.

Dificuldades

Padre Bartolomeu Giaccar' que vive entre os xavantes 13 anos, é estudioso da matéria. Escreve um livro sobre usos e costumes dos xavantes no período anterior à aculturação. Explica que é muito difícil conhecer essa fase da cultura indígena, pois os silvícolas evitam revelar dados de sua vida antes do contato com os civilizados. Acha que somente dentro de uns 50 anos será possível uma visão mais completa do assunto.

A religião, por exemplo, é um dos setores mais difíceis de se penetrar. E como quase toda a atividade dos índios gira em torno da religião, é compreensível a dificuldade para obtenção de dados. Bororos e xavantes acreditam em espíritos bons e maus.

Geralmente o tema das festas bororas é a morte. Nas caçadas, matam uma onça para vingar um defunto. Os xavantes, ao contrário, fazem festas motivadas na vida, na preparação e continuidade da tribo. Waia é a sua festa principal, que consiste na luta entre o espírito bom que quer desenvolver e aumentar o grupo xavante e o espírito mau, que quer destruí-lo.

Os xavantes encaram o sexo com muita seriedade. Têm até orações próprias que rezam antes do ato sexual. Jamais consentem na possibilidade de fazer brincadeiras a respeito do assunto. Não conhecem o aborto e o infanticídio.

Entre os bororos tais práticas existiam em certas circunstâncias: quando um pai de família tinha um sonho mau, matava a criança antes do nascimento, pois acreditava que mais tarde ela poderia vir a ser a causa da destruição da tribo.

Padre Bartolomeu atribui a esses problemas e aos vícios que os bororos adquiriram em contato com os civilizados, principalmente o alcoolismo, o paulatino desaparecimento desse grupo indígena.



Do enviado especial

Na luta com bastões, o pequeno xavante aprende a vencer o medo

O começo foi bem difícil

“Cheguei a Sangradouro em 1914, um mês depois de iniciar a viagem em Cuiabá. O começo foi tão difícil que não pude deixar de pensar que a colônia malograria. No meu primeiro encontro com os bororos, alguns quiseram matar-me logo, mas outros preferiram antes examinar o caso. Felizmente, prevaleceu a opinião do segundo grupo. Depois, chegaram à conclusão de que eu e meus companheiros eramos diferentes dos civilizados que os haviam maltratado anteriormente. Aos poucos, os bororos começaram a vir do rio das Mortes para viverem conosco”.

É o depoimento de padre Cesar Albisetti, aos 83 anos de idade, após viver 57 entre os silvícolas. Apesar de idoso, é muito lucido e está com ótima saúde. Seu amor aos bororos afastou-o da Itália. Só voltou a seu país para rápidas estadas nos anos de 1924, 1947 e 1962. Durante 25 anos, até 1950, foi o diretor da colônia de Sangradouro. Nesse ano afastou-se do cargo para dedicar-se exclusivamente ao preparo de uma enciclopédia sobre os bororos. A obra, que é adotada oficialmente em todas as universidades do mundo, é o trabalho mais perfeito e completo que existe a respeito do assunto.

A enciclopédia versa sobre a língua bororo, usos e costumes, lendas e cantos. Está dividida em 5 volumes, cada um composto por 3 tomos de 800 a 900 páginas, por unidade. Como a cultura bororo é bastante complexa e esse grupo silvícola sempre se recusa a revelar dados de sua vida, padre Cesar é obrigado com frequência a reformular conceitos emitidos em seu trabalho. A obra está quase completa, faltando apenas o último volume, que se refere à vida dos bororos a partir da aculturação.

Nos primeiros anos de vida da colônia, os bororos ainda viviam em aldeias próximas ao rio Vermelho, rio das Mortes e rio São Lourenço. “Não esboçavam sempre muita agressividade — recorda padre Cesar — mas a qualquer momento poderiam fazer-nos uma surpresa”.

Maus momentos

O missionário recorda momentos difíceis vividos entre os silvícolas: — Certa vez brinquei com um bororo que regressava da caça porque ele não conseguia apanhar nada. Ele se enfiou e aiçou uma flexa contra mim. Embora tudo ocorresse em frações de segundo, consegui agarrar a flexa no instante em que ela se aproximava de meu corpo, desviando-a da trajetória. O índio ficou assustado, mas não se deu por achado, dizendo: “Meus antepassados já faziam isso”. A reação do bororo levou-se ao fato de ser novo na colônia e ainda não me conhecer bem na ocasião.

Desafio

— Em outra oportunidade, fui desafiado pelo bari, o pajé dos bororos. Como ele costumava fazer ruidosas exortações aos espíritos durante a noite, procurei certa vez patir uma composição amigável. Expliquei-lhe que a noite era o período em que os padres, as crianças, e as famílias dormiam e que suas cerimônias perturbavam nosso sono. Assim, as exortações deveriam ser feitas apenas durante o dia. O pajé concordou e prometeu atender-me. Alguns dias depois fui acordado durante a madrugada pelos gritos do pajé nas evocações espirituais. Fui até a aldeia e o adverti, lembrando-o de que o bororo tem uma palavra só e que ele a quebra.

— Ao voltar as costas para mim, embora surgiu à minha frente um índio nu, pintado de vermelho, que disse a palavra de desafio: Arugori (vamos brigar). Eu respondi: Vá dormir. Mas ele insistiu: Arugori, arugori... Comecei a ficar preocupado porque eu era bem mais fraco que o índio e perderia logo a briga. Se eu me acovardasse, seria humilhante, pois a essa altura a aldeia acordara e todos nos rodeavam. De repente, tive uma idéia e falei-lhe em tom enérgico: Vome está falando sério ou está brincando comigo? Após alguns segundos de expectativa geral, o bororo respondeu: Este brincando. Sem deixar que fosse percebido o meu alívio, encerrei o diálogo: Ah, bom, agora acabou o brinquedo e vamos dormir. Com essa saída, ambos ficamos em boa situação.

— A coisa mais importante em minha vida com os bororos era aprender a língua deles e fazê-los compreender que eu os estimava. A melhor prova de que se quer bem um povo é aprender sua língua. Para se conquistar a amizade dos bororos são necessários vários cuidados: retribuir o que deles receber, falar pouco, saber escutar e não interrompê-los quando estão falando.

— Nos primeiros tempos eu não sabia disso. Quando eles falavam eu logo respondia. Os bororos diziam: Cala, cala. E depois: Agora terminei, pode falar você. Eu podia falar um dia inteiro e eles escutavam. Mesmo que fosse qualquer bobagem eles ficavam quietos. Para os bororos, quem interrompe o companheiro que fala é mal educado. Eu aprendi a lição. Outro cuidado: quando se recebe um presente dos bororos, deve-se estender as duas mãos. Apenas uma é sinal de desprezo. Eles têm regras de etiqueta e tantas outras coisas bonitas.



Do enviado especial

Padre César: 57 anos entre os bororos



Do enviado especial

Ao pular a corda, as meninas xavantes revelam sua vivacidade e alegria